

Memórias do ar e do chumbo

LUIZ FERNANDO VERÍSSIMO



Eu estava na Rua da Praia, não me lembro por que ou com quem. Ouviu-se o som de uma sirene. Todos, na rua, começaram a andar na mesma direção. Alguns corriam. A pessoa que estava comigo me puxou pela mão e seguimos a multidão. Seria um ataque aéreo? Impossível, a Segunda Guerra Mundial já tinha acabado, o nosso lado ganhara. Falava-se muito que uma guerra entre o Brasil e a Argentina era inevitável, em algum ponto da nossa história. Será que o ponto chegara e aviões argentinos se aproximaram de Porto Alegre para bombardear o Largo dos Medeiros, o Café Central e as sedes do Grêmio e do Internacional, aniquilando de um golpe só toda a nossa capacidade de reação?

A multidão se aglomerava diante do

edifício do “Diário de Notícias”, de onde vinha a sirene. A notícia estava escrita às pressas num cartaz preso à fachada do prédio ou pendente de um janela. Ghandi assassinado! Não era guerra. Entre aliviado e perplexo — onde fora o assassinato de Ghandi, por que tinham matado o Ghandi e, acima de tudo, quem era o Ghandi? — fiquei ali, maravilhado com aquela coisa mística, aquela entidade misteriosa onde as notícias do mundo chegavam em minutos, pelo ar, e era propagadas, quando mereciam, com espalhafato oracular.

No dia seguinte, lá estava, na capa do “Diário”, tudo sobre o assassinato. A foto e a biografia de Ghandi e os detalhes da notícia que não cabiam no cartaz escrito à mão. Conto tudo isto porque foi certamente a primeira vez que me detive na primeira página de um jornal antes de passar para a seção de esportes. Tinha um interesse particular na história. Fazendo parte da multidão convocada pela sirene para saber da novidade, eu praticamente fora uma testemunha ocular do crime. Também foi a primeira vez que pensei no mecanismo de um jornal e imaginei como seria essa alquimia, a de captar o acontecimento no ar

e transformá-lo em informação, como a breve lição de história, de grandeza e selvageria humanas ao mesmo tempo, que estava tendo ali, estendido no chão, debruçado sobre o “Diário”. Depois passei para o esporte e para meus ídolos do cotidiano. O jornal era isso, o sobressalto da novidade e a garantia de que as nossas amenas rotinas diárias continuavam. Simultaneamente um espalhafato — ou espalhafatos — e um repetidor da nossa identidade comunitária e do conforto das nossas preocupações municipais e banais. O grande Ghandi fora assassinado mas em compensação o grande Tesourinha estava curado da lesão e jogaria o Grenal, e um novo seriado completo estava para estrear no Cinema Apollo.

Quando entrei na oficina de um jornal pela primeira vez, pouco depois, me decepcionei. O processo não era nada como eu o imaginara, a notícia não era destilada do ar, era transformada numa grande e barulhenta usina por pessoas sem o menor ar de alquimistas. E as linotipos! Até hoje falo delas como dinossauros: bichos fantásticos, com um tamanho que os jovens digitadores de hoje não podem sequer

imaginar, metabolizando texto em chumbo. E durante muitos anos, como os dinossauros, elas também dominaram o mundo.

A informatização das redações e a progressiva “limpeza” das oficinas gráficas tiveram o mérito de devolver, pelo menos aos pré-eletrônicos como eu (confesso que ainda não entendo nem como funciona torneira), um pouco do velho mistério. Voltei à fascinada ignorância dos meus dez anos, estou de novo convencido de que tudo passa do ar para o papel por mágica. Mas seja feito do ar ou feito com chumbo, o jornal sempre me deu a mesma sensação simultânea de urgência e conforto. Nenhum outro meio de comunicação consegue isso, a autoridade para nos contar o que aconteceu com detalhes e distanciamento, e a intimidade para compartilhar tudo começa num contexto doméstico, cálido e próximo. O rádio nos diz, a televisão nos mostra, mas só o jornal nos envolve.

O “Diário de Notícias” de Porto Alegre não existe mais, o edifício que o sediava veio abaixo, eu mesmo já não estou bem aqui, mas, 45 anos depois, o deslumbramento daquele dia ainda persiste.